

**A SEMANA – 213\***

28 de junho de 1896

Fujamos desta Babilônia. Os desfalques levam o resto da confiança que resistiu aos desvios. Admito que alguns deles possam não ser desvios nem desfalques, mas simples descuidos, desastres ou desânimos. Em todo caso, não me sinto seguro. Temo que um dia destes me caia o sol na cabeça, que o chão me falte debaixo dos pés, que morram duas mil pessoas, como em Moscou, quando iam à<sup>1</sup> sopa, ou dez mil, como no Japão, por um terremoto, ou não sei quantos mil, como em S. Luís,<sup>2</sup> ao sopro do último ciclone.<sup>3</sup>

Temo tudo. O meu velho criado José Rodrigues... (Lembram-se do José Rodrigues?) ... não anda bom, padece de tonteiras, dores de peito, ânsias; para mim, está cardíaco. Se não temesse que a farmácia aviasse um veneno por outro, como ainda esta semana sucedeu,<sup>4</sup> há muito que o teria feito examinar. Mas, se o médico receitar alguma droga, terei a fortuna de já a achar expedida para Ouro Preto e outras partes? Não sei... Pobre José Rodrigues! É um grande exemplo das vicissitudes humanas. Mal sabendo

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 179, p. 1, 28 jun. 1896) e SEM1953 (v. 3, p. 208-213). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

<sup>1</sup> A partir deste ponto, o texto da primeira coluna da crônica (segunda do jornal) falta na página microfilmada da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. O texto, no jornal, é retomado no alto da segunda coluna da crônica – ver nota 5. Adotamos, no trecho inexistente no periódico, a lição de Aurélio.

<sup>2</sup> S. Luís: forma aportuguesada de St. Louis, cidade do Missouri, nos Estados Unidos. Não sabemos se foi Aurélio Buarque de Holanda ou Machado de Assis o responsável pelo aportuguesamento.

<sup>3</sup> O cronista lista questões que ocuparam os noticiários durante a semana: desfalque de recursos financeiros em importante estabelecimento comercial de café (*Jornal do Commercio*, ano 75, n. 176, p. 1, col. 9, 24 jun. 1896) – houve outras notícias de “desfalques” nesta semana; catástrofe de Moscou, em que pessoas que aguardavam a distribuição de refeições oferecidas pelo czar, por ocasião de sua coroação, conforme a tradição, foram pisoteadas no tumulto ocorrido na ocasião (*Jornal do Commercio*, ano 75, n. 176, p. 2, col. 4, 24 jun. 1896; *Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 176, p. 2, col. 1-2, 25 jun. 1896); terremoto no Japão, que causou mortes (*Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 171, p. 1, col. 1, 20 jun. 1896); e ciclone ocorrido em St. Louis, Missouri, no final do mês anterior (maio), que também causou mortes (*Jornal do Commercio*, ano 75, n. 180, p. 3, col. 1, 28 jun. 1896).

<sup>4</sup> O envenenamento da semana foi noticiado em periódicos, como o *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 175, p. 2, col. 6, 23 jun. 1896) e *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 174, p. 2, col. 7, 23 jun. 1896, e n. 175, p. 2, col. 2, 24 jun. 1896).

assinar o nome, ganhou um milhão no encilhamento, e quando começava a aprender ortografia, achou-se com três mil-réis.

– Ai, patrão! dizia-me ele uma vez,<sup>5</sup> eu nunca me devia ter metido em ortografias; um B de mais ou de menos não é que faz um homem feliz.

Fujamos, repito. Imitemos os que já foram, por motivo de desvio ou desfalque, e estão a esta hora respirando os ares do Rio da Prata. Deixaram carros e cavalos, mas também lá há carros, e dos cavalos temos aqui boas amostras. Se se desprenderam de amores, não são amores que lhes hão de lá faltar, e pela bela língua castelhana, que é a mesma nossa com castanholas. Teatros? também lá há teatros. Não chamarão ruas às ruas, e sim *calles*; mas quem é que se não habitua a este vocábulo, uma vez que more em casa boa, com bons trastes e boa comida? Depois, nem sempre se há de ficar longe da pátria. As saudades matam, e, para fugir à morte, vale a pena arriscar a vida, expressão que talvez não entendas, se me lês por distração; mas, se buscas aqui a lição de um sapiente, entenderás que o que eu quero dizer, é que a vida corre o mesmo risco da liberdade, e os que tornam à pátria, deixam muita vez de perder uma e outra.

A vida perde-se, aliás, sem sair da terra natal, uns voluntariamente, como aquele bagageiro da Leopoldina, que veio acabar consigo na casa do próprio armeiro que lhe vendeu a garrucha. No mesmo dia, e não sei se à mesma hora, uma mulher empregada em fábrica de tecidos de um arrabalde tentava pôr termo aos dias.<sup>6</sup> Demissão ou tristeza, qualquer causa serve a quem quer deveras ir embora desta aldeia, – como diz a cantiga,<sup>7</sup> – e não pode proceder de outro modo. Mas, em verdade, parece que anda um vento de morte no ar.

Os que não vão por sua vontade, vão à força, e quando se preparam para ficar neste mundo por alguns anos mais, como aquele Dr. Ribeiro Viana Filho, que veio ser operado e recebeu a operação última.<sup>8</sup> Li o termo da autópsia; nunca deixo de ler esses documentos, não para aprender anatomia, mas para verificar ainda uma vez como a língua científica é diferente da literária. Nesta, a imaginação vai levando as palavras belas e brilhantes, faz imagens sobre imagens, adjetiva tudo, usa e abusa das reticências,

<sup>5</sup> Desde a palavra “sopa” (inclusive), no primeiro parágrafo, até “uma vez,” (inclusive), no terceiro parágrafo, o texto vem ao pé da primeira coluna da crônica na *Gazeta* – em que falta um pedaço (a folha foi rasgada, e o pé da página não aparece na cópia digitalizada). Neste trecho, seguimos a lição de Aurélio Buarque de Holanda. Ver nota 1.

<sup>6</sup> A notícia do suicídio de José Coelho de Castro – o “bagageiro da [estrada de ferro] Leopoldina” – pode ser lida na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 178, p. 2, col. 6, 27 jun. 1896). Em seu bolso foi encontrada uma carta não assinada endereçada à esposa, em que explicava a motivação do suicídio, a saber: ter sido demitido sem justa causa. A tentativa de suicídio de uma moça foi noticiada no mesmo número. (*Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 178, p. 2, col. 6, 27 jun. 1896)

<sup>7</sup> Não identificamos a cantiga.

<sup>8</sup> O dr. João Manuel Ribeiro Viana Filho, de 27 anos, faleceu repentinamente, no consultório médico, quando se submetia a uma cirurgia. (*Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 173, p. 1, col. 5, 22 jun. 1896; e *Jornal do Commercio*, ano 75, n. 174, p. 1, col. 9, 22 jun. 1896)

se o autor gosta delas. Naquela, tudo é seco, exato e preciso. O hábito externo é externo, o interno é interno; cada fenômeno, como cada osso, é designado por um vocábulo único. A cavidade torácica, a cavidade abdominal, a hipóstase cadavérica, a tetania, cada um desses lugares e fenômenos não pode receber duas apelações, sob pena de não ser ciência. Daí certa monotonia, mas também que fixidez! As conclusões é que não podem ser tão rigorosas. No caso a que aludo, a morte foi produzida por “intensa hemorragia pulmonar”. Mas o que é que produziu a hemorragia? Essa é a parte deixada ao incognoscível. As crianças do meu tempo costumavam dizer por pilhéria que uma pessoa havia morrido “por falta de respiração.” Pilhéria embora, se a considerarmos bem, é uma conclusão científica; o mais é querer ir ao incognoscível, que é um muro eterno e escuro.

Sim, fuja, não para a povoação de Monte Alegre, onde caiu uma chuva de pedras, que danificou todas as casas. As pedras eram do tamanho de um ovo. Assim o diz o *Correio do Amparo*.<sup>9</sup> Não é que eu receie pedras maiores que um ovo de galinha. Haveis de ter notado, se sois maduros e ainda mancebos, haveis de ter notado que as pedras que caem do céu em chuva, são sempre do tamanho de um ovo de galinha. Isto me levou um dia a indagar o que é que produz as chuvas de pedras e a concluir que o céu é uma vasta galinha invisível. Os ventos são o bater das suas asas; os trovões são o seu cacarejo. Não põe um ovo por dia como a galinha da terra; deixa-os juntar, e quando sente milhares deles, despeja-os.

A gente foge, porque os ovos, ainda sem casca, doem; mas apanha-os depois, mede-os e acha-os sempre do mesmo tamanho. Nunca li notícia de que fossem de pata ou de pomba.

Tal galinha nunca ficou choca? Se ficará, não sei; mas, no passado, pode ser que a criação se explique por uma grande ninhada de pintos. A galinha celeste punha então ovos com casca. Passados séculos, chocou os ovos. Passados outros séculos, os pintos entravam a picar a casca, a sair, a pipilar, a crescer, até que lhes chegou a vez de pôr. Não torçam o nariz à hipótese; há outras que valem um pouco mais, e todas hão de parar naquele incognoscível...

Quanto ao tom assustadiço da *Semana*, saibam que é natural, e podem lançá-lo à conta da melancolia com que acordei hoje. Disseram-me ontem que um homem distinto e rico entrou a padecer de uma crise mental pela presunção de estar pobre. Os pobres de verdade não enlouquecem, o que dá vontade de fazer como o pescador da Judeia, – deixar as redes e acompanhar a Jesus. Mas não esqueçamos que, se os pobres não

---

<sup>9</sup> *Correio do Amparo*] *Correio de Amparo* – em SEM1953. Não localizamos esse periódico na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. A *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 176, p. 1, col. 7-8, 25 jun. 1896) transcreveu notícia do *Amparense* de uma grande chuva de pedras (sem mencionar o tamanho delas), que prejudicou a safra de café do município.

enlouquecem por ser pobres, enlouquecem muita vez supondo que são ricos. Tal é a compensação da Natureza, nossa querida mãe.



### **Lista das abreviaturas empregadas nesta edição**

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

### **Referências**

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 179, p. 1, 28 jun. 1896. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730\\_03&pagfis=14439](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=14439)>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite; Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.